



GT 47. Extensão Universitária: desafios e propostas para a ação e formação em antropologia

Coordenador(es):

Luciana de Oliveira Chianca (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Luciana Gonçalves de Carvalho (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1 - EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO DE DOCENTES E DISCENTES DE ANTROPOLOGIA

Debatedor/a: Regina Célia Reyes Novaes (UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS E COCRIAÇÃO

Debatedor/a: Miriam Pillar Grossi (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Embora a construção reflexiva e dialógica seja reiteradamente incentivada pela pesquisa de inspiração participante, as ações de extensão restam subvalorizadas na formação de antropólogos(as), fundamentada por concepções que rejeitam formas “aplicadas” da disciplina e por critérios avaliativos da nossa cultura acadêmica, que privilegia a pesquisa e considera a extensão como “a prima pobre” da universidade. Considerando que saberes acadêmicos, científicos ou humanísticos pressupõem uma fusão de horizontes com saberes populares e locais, não podemos nos furtar este debate, recentemente potencializado por diretrizes legais exigindo a incorporação e ampliação da extensão nas matrizes curriculares dos cursos de graduação no Brasil. Fomentando tal discussão, o GT reunirá trabalhos que abordem a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão na formação acadêmica e na constituição de saberes decorrentes de experiências de extensão com professores e estudantes de antropologia. Focaremos aspectos conceituais, metodológicos, políticos, relacionais e pedagógicos da extensão universitária em diferentes contextos da nossa atuação (educação, arte, saúde, meio ambiente, patrimônio cultural, igualdade racial, direitos humanos, desenvolvimento local...), problematizando as condições objetivas e subjetivas das ações e mediações antropológicas de caráter extensionista junto a diferentes grupos sociais, reforçando uma concepção crítica do conhecimento e da form(ação) continuada das Universidades.

"Coletivo Direitos Humanos, Cinema e Afetos": trajetória e atuais desafios de um projeto de extensão no sul de Minas Gerais

Autoria: Carmem Lúcia Rodrigues (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

O projeto de extensão denominado "Coletivo Direitos Humanos, Cinema e Afetos", sediado na Universidade Federal de Alfenas no sul de Minas Gerais, foi originalmente concebido como um grupo de estudos sobre Antropologia e Direitos Humanos. Após cerca de um ano de estudos com um grupo de estudantes de graduação das Ciências Sociais, o Projeto veio a ser aprovado em um edital interno da Unifal-Mg e em 2020 deu continuidade ao segundo ano de execução. O chamado "Coletivo DiHCA" tem como propósito agregar a comunidade acadêmica e movimentos sociais locais voltados à promoção e à defesa de direitos humanos, especialmente os direitos de sujeitos coletivos excluídos historicamente: mulheres, negras e negros, comunidade LGBTQIA+, indígenas. São duas as frentes principais de atuação do Projeto: a primeira voltada à organização de atividades artísticas e/ou culturais, dentro e fora da universidade, de maneira a ampliar a sensibilização por meio da projeção de audiovisuais, performances teatrais, dança, exposição de fotografias e rodas de afetos. Nesses momentos, a dimensão dos "afetos" é abordada em ambas as dimensões já analisadas na antropologia: no sentido da "emoção que escapa da razão", e no sentido do resultado de um processo de "afetar-se". A segunda frente é dedicada à produção de conhecimentos a respeito dos direitos



humanos, pelo viés da antropologia. A intenção é, antes de mais nada, situar essa reflexão no contexto brasileiro contemporâneo de maneira a recepcionar propostas de movimentos sociais e pensar algumas normas relacionadas à política da diferença?, recentemente aprovadas no país (a exemplo das cotas étnico-raciais). Após o primeiro ano de implantação do projeto, em que foram realizados estudos e debates conduzidos pela docente e antropóloga, coordenadora do Projeto, foram produzidas e aprovadas três iniciações científicas (ICs) em editais internos da Unifal. Além disso, tem sido efetivado o diálogo intercultural e interétnico por meio do convívio e troca de saberes com indígenas da etnia Kiriri, em uma aldeia situada na região, que resultou na aprovação de uma das ICs. A parceria com indígenas tem sido crucial para demonstrar a riqueza de outras formas de pensamento, cosmologias e de modos de vida para além das legitimadas pela ciência moderna ocidental. O Projeto ainda se articula às disciplinas optativas oferecidas pela coordenadora: ?Antropologia e Direitos Humanos?, ?Sociedade, Natureza e Cosmologias Ameríndias? e ?Multiculturalismo, Direito à Diferença e Reconhecimento?. A rica experiência obtida pela equipe que integra o Coletivo DiHCA aponta possíveis caminhos para futuros projetos e ações de extensão universitária assim como inúmeros desafios, de ordem institucional, a serem apresentados e discutidos neste GT.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: